

Henrique Magalhães

A TRAVESSIA DO DESEJO



A TRAVESSIA DO DESEJO



Henrique Magalhães



Marca de Fantasia
Parahyba, 2026

A TRAVESSIA DO DESEJO

Henrique Magalhães

Série Tertúlia, 10. 2026, 57p.

ISBN 978-85-7999-134-9



MARCA DE FANTASIA

Rua João Bosco dos Santos, 50, apto. 903A
Parahyba (João Pessoa), PB. Brasil. 58046-033
marcadedefantasia@gmail.com
<https://www.marcadedefantasia.com>

A editora Marca de Fantasia é uma atividade da Associação Marca de Fantasia e um projeto de extensão do NAMID - Núcleo de Artes e Mídias Digitais, do Departamento de Mídias Digitais da UFPB

Editor/designer: Henrique Magalhães
Imagem da capa: do autor

Sumário

1. A rigidez silenciosa. 5
2. Dona de casa. 11
3. O dito e o interdito. 19
4. Miragem de ébano. 24
5. Breu. 30
6. Bancos de aprendiz. 32
7. Disparada noturna. 37
8. Peia-quente. 40
9. Noites de sedução. 44
10. Campo fértil. 50

A rigidez silenciosa

Sempre que ouço relatos ternos sobre a infância, reajo com incredulidade. Há algo de excessivo no tom sentimental, como se a doçura narrada funcionasse como compensação tardia para uma vida em desalinho. A infância, para mim, não foi esse território idílico que o senso comum costuma evocar com saudosismo. Ancorado nessa descrença, cheguei a pensar que para ninguém essa fase da vida poderia ter sido boa – uma generalização frágil, talvez apenas um modo de atenuar o que me coube viver.

Não passei privações nem me faltou afeto nos primeiros anos. Primeiro filho de uma jovem mãe e de um pai mais velho, fui desejado como promessa de reparação após a perda prematura de gêmeos, cuja ausência gerara profunda frustração. Durante algum tempo, fui o centro das atenções, atendido em muitos pequenos caprichos.

As lembranças desse período chegam hoje como ecos – fragmentos mais herdados da memória dos pais do que propriamente vividos. Ainda assim, algo daquele início pleno, inscrito em mim, não foi capaz de conter as fissuras que viriam conturbar a vida familiar.

Ulisses, meu pai, era um homem de rigidez silenciosa. Gestos contidos, palavras medidas, uma ideia muito clara do que esperava da vida e dos outros. Casara-se tarde, já perto dos quarenta, trazendo valores formados em outro tempo. Parte

da juventude passara no Rio de Janeiro, onde frequentara ambientes boêmios e experimentara certa distensão dos costumes, bem diversa da vida provinciana de onde partira. Nada disso, porém, o desviara do apego à ordem, à hierarquia, à autoridade masculina que moldaram seu caráter.

Quando resolveu aquietar-se, voltou à pequena Parahyba, retomou o encanto por Dandara - moça que praticamente vira crescer -, criou laços, montou pouso e construiu um lar que imaginava farto e venturoso. Arrumou trabalho em um banco estatal, garantiu os recursos necessários para dar forma à idealização de um núcleo familiar sobre o qual reproduziria a estrutura social que considerava natural.

Nem tudo se deu como o esperado. Decepcionado com escolhas políticas equivocadas e cujas consequências fragilizaram sua posição econômica, meu pai tornou-se um homem infeliz. A masculinidade exacerbada, talhada no patriarcado, dava-lhe aval para manter o ímpeto reprodutor para o qual fora educado. A família crescia sem pausa. Ele desafojava as frustrações da vida produzindo filhos em série, na mesma medida em que tomava corpo o seu fracasso.

Essa dinâmica refletiu-se diretamente em mim. Os primeiros anos, em que concentrava a atenção dos pais, apagavam-se pouco a pouco a cada novo rebento. A cada dois anos um filho – ou filha – chegava. Renovavam-se os ares de uma vida que, contraditoriamente, se tornava ainda mais sacrificada. A casa enchia-se de ruídos, demandas, corpos pequenos. O que fora central tornava-se periférico, sem anúncio.

Quando o sexto filho nasceu, a família entrou em colapso. Com a ajuda de uma irmã, minha mãe decidiu, sem alarde, pela cirurgia que impediria novas gestações e estancaria a sangria das gravidezes não planejadas. Na visão turva do chefe

da família, alijado de sua voz de comando, a mulher não seria mais a mesma depois da intervenção. Ecoava em sua mente o mantra que o consumia: mulher que não reproduz se torna fria; em rigor, deixaria de ser mulher.

A cirurgia precipitou a crise. Veio como uma diáspora numa família que já se equilibrava sobre uma corda bamba, flácida e puída. O procedimento realizou-se longe da capital paraibana, onde morávamos. Apesar de simples, um estado de lassidão abateu-se sobre o corpo exausto de minha mãe, que permaneceu por três meses sob os cuidados de parentes em Recife.

Poucas vezes fui a Recife com meu pai. A cada visita, via esvair-se na figura frágil de minha mãe a vivacidade com que sempre cuidava da casa. Não compreendia o que se passava, nem por que a distância se prolongava. Sua ausência tinha o efeito devastador de uma terra assolada pela mais imprevisível das intempéries.

Durante esses meses, a casa se esvaziou. Os irmãos foram distribuídos entre parentes e vizinhos. Quatro dos seis filhos tomaram rumos provisórios. O mais novo, ainda de colo, acompanhou minha mãe em seu exílio de enfermidade. Eu, o mais velho, com apenas dez anos, fiquei só com o pai. Cada um teve de aprender novos hábitos, submeter-se a outras regras, sublimar a carência de conforto e proteção.

A casa, antes ruidosa, tornou-se silenciosa demais. O silêncio pesava. Meu pai saía cedo para trabalhar e voltava tarde. Falava pouco. Eu passava os dias quase sozinho, atravessando a cidade para comer na casa de uma tia e retornando ao anoitecer para um espaço que já não reconhecia como lar.

Guardo desse período lembranças em retalhos. Não sei exatamente como ocupava o tempo naquela casa soturna; talvez passasse longos períodos na rua. Ao seu modo, meu pai tam-

bém se ausentava da vida. Incapaz de lidar com a situação, negligenciava cuidados básicos da casa, por desinteresse ou impotência. Sem a mulher, sem dinheiro, sem ânimo, bebia regularmente para fugir do redemoinho que o arrastara para a solidão.

As férias de verão atravessaram-se assim. Não recordo aulas nesse intervalo. A rotina suspensa preenchia-se de caminhadas e visitas aos irmãos espalhados. À noite, ao retornar, enfrentava uma tensão que mal suportava. A casa parecia desaparecer na escuridão: Nenhuma luz acesa, portas fechadas, o interior entregue ao breu.

Meu pai não me confiava a chave. Deixava-a nos fundos, encaixada num dos vazados do cobogó, que cercava a cozinha e o alpendre. Para alcançá-la, eu precisava contornar a lateral da casa. O trajeto curto se dilatava com o medo.

O escuro não era apenas ausência de luz — era expectativa. Cada passo exigia coragem. Tateando as paredes externas, a curva que levava ao quintal me paralisava. O temor se condensava na incerteza do que poderia surgir antes que a visão se ajustasse. O quintal, tão familiar durante o dia, convertia-se num buraco negro que sugava os resquícios de coragem. Temia intrusos, presenças hostis, gente que se apropria de lugares abandonados.

Já superara o pavor do sobrenatural, façanha alcançada à custa de meus próprios fantasmas. Com o tempo, aprendi também a dominar o medo — não porque deixasse de senti-lo, mas porque não havia alternativa. A superação vinha sempre depois.

Quando conseguia dormir, pesadelos retornavam. Visões estranhas, quase alucinatórias. Sentia-me cruzar um umbral áspero, cercado de galhos retorcidos e espinhos, como num ninho hostil. A sensação era de uma queda tortuosa e interminável.

O mal-estar pressionava o estômago; o corpo se contraía. Acordava suado, ofegante, sem compreender inteiramente o que me afligia. Algo em mim parecia se transformar, alargar-se de forma dolorosa. Para suportar, atribuía aos sonhos a inquietação e o estranhamento de sentir-me apartado do universo comum que regia a vida de meus pais, irmãos, amigos - a ordem considerada natural das coisas.

Meu pai não poderia imaginar a aflição que me causava. Envolto nas próprias insatisfações, não percebia o abandono do único filho que lhe restara por perto. A casa, sempre fechada e escura, degradava-se dia após dia. Faltava-lhe vida, ar, cuidados mínimos. A umidade empestava o ambiente, misturada ao odor acre da urina que subia do banheiro. Uma crosta amarelo-alaranjada tomava as paredes internas do vaso sanitário, semanas a fio sem asseio.

O ambiente causava-me asco. Na ausência da mãe, passei a cuidar do que podia. As circunstâncias subvertiam costumes. Para meu pai, afazeres domésticos não condiziam com a masculinidade. Não me importava. Alguém precisava manter o espaço habitável. Varri a casa, abri as janelas, lavei roupas miúdas, a louça e, sobretudo, o vaso sanitário.

Perguntava-me por que meu pai permitia aquela degradação. O silêncio funcionava como censura. Nenhuma palavra, nenhum gesto reconhecia meu esforço. Tampouco se dissolia a frieza que sentia por mim.

Talvez o incomodassem as atribuições que incorporei. Talvez preferisse o clima lúgubre em que vivíamos, espécie de purgatório doméstico. Absorto em seu inferno particular, ao chegar em casa à noite meu pai costumava sentar-se na cozinha, no escuro, a remoer dissabores. Bebia duas ou três latas de cerveja antes de dormir - hábito que o acompanharia por toda a vida.

Eu via nesse ritual uma fuga da realidade opressiva, uma barreira erguida entre nós: entre meus temores infantis e a melancolia indecifrável dos adultos. Entre meus medos e o silêncio de meu pai, algo se rompeu sem ruído. O amor, se existiu, não encontrou forma de permanecer inteiro.

Dona de casa

Minha mãe, Dandara, era uma moça bonita, alegre, determinada. Antes mesmos de eu existir, gostava dos passeios com a irmã e as primas para as praias afastadas da capital. Nos primeiros anos da juventude, as moças eram seguidas — ou guardadas — pelos rapazes amigos da família, homens feitos, mas com aparência de bons moços, gente de confiança e respeito. Ulisses era um deles.

Minha mãe conheceu Ulisses ainda criança, na rua do Riachuelo, no centro antigo da cidade, onde o comércio se expandia e consolidava como força desenvolvimentista da provinciana capital do estado da Parahyba. Brincaram juntos muitos carnavais pelas ruas enladeiradas da cidade, desfilando fantasias impecáveis, conforme a moda. Não faltavam lança-perfume, confete, serpentina, nem as marchinhas que já pareciam ancestrais. Era a alegria esfuziante de uma juventude que começava a ganhar autonomia e algum poder de decisão.

Aos dezoito anos, Dandara concluiu o Ginásial e o Curso Técnico em Contabilidade na Academia de Comércio. Era uma moça avançada para sua época. Impelida pelo desejo de independência e também pela necessidade financeira, passou a trabalhar numa loja de peças de automóveis. O ambiente exclusivamente masculino não a constrangia. Lidava com desen-

voltura e altivez com os afagos graciosos dos colegas e clientes, sem jamais permitir avanços em sua intimidade.

A diferença de dezessete anos entre Ulisses e Dandara não pareceu, a princípio, empecilho para o encantamento amoroso, ainda que fosse improvável ou surpreendente para todos. Ele tinha idade para ser seu pai e, por muito tempo, fora uma espécie de guardião da garota sapeca e vivaz que frequentava sua casa com honras quase familiares. Mas o amor tem subterfúgios que subvertem as razões mais cristalinas, e Ulisses e Dandara se entregaram a essa atração incognoscível.

O conhecimento prévio não retirou o frescor da nova paixão. Embora convivessem próximos havia tanto tempo, passaram a se olhar com outras lentes, atravessados pelo pulsar das vibrações sexuais que acometem os futuros nubentes. Não tardou para que se casassem, fizessem projetos de vida comum e construíssem um lar.

Num deslize da sua vigilante autonomia, que sempre a caracterizara, Dandara seguiu o rito das mulheres de sua época: saiu da casa dos pais ao se casar para formar o próprio núcleo familiar. Não fez faculdade. Deixou o trabalho, os recursos próprios, a independência. Tornou-se mais uma dona de casa, movida pela fantasia amorosa que ratificava os papéis sacralizados pelo patriarcado em vigor, imposto com o rigor das leis e dos costumes sociais.

Como convinha, sentia-se protegida pela liderança providencial do marido. A ela cabiam as lides da casa; a Ulisses, a obtenção dos recursos para a manutenção do lar. A chegada dos filhos era a consequência natural dessa estrutura social — se não pelo prazer sublime da maternidade, ao menos pela motivação de fortalecer a vida do casal.

O matrimônio trazia a liberdade de uma vida sexual irrestrita, ainda que submetida aos códigos morais dos bons costumes. Mas trazia também uma rotina que, em muitos casos, buscava se superar com o projeto idílico da construção de uma grande prole, cheia de alegria e renovação.

Minha mãe não reclamava da vida de casada. Sentia falta dos passeios com as amigas, irmãs e primas. Lembrava, com certo saudosismo, da dinâmica rotina do trabalho no comércio, que podia ser tudo, menos entediante. Aprendeu a administrar a casa com destreza, cuidava do orçamento doméstico e se esforçava para deixar tudo um brinco, um lugar aconchegante para o recolhimento de Ulisses após suas longas jornadas de trabalho.

Curiosamente, para meu pai o trabalho doméstico sempre pareceu um prazer, quase um passatempo para preencher o dia. Não importava que os afazeres de Dandara — um rosário diário penoso que incluía arrumar a casa, lavar e passar roupa, cozinhar, cuidar do jardim, do quintal e, mais adiante, ainda cuidar dos filhos — eram extenuantes. Trabalho de verdade, com a dureza da responsabilidade, era o dele, que trazia dinheiro para casa. Sem isso, não havia onde nem como viver.

Dandara incorporava essa lógica com naturalidade, como parte do sistema, da ordem natural das coisas. Ainda assim, sentia o vazio que começava a lhe tomar a vida, a solidão de passar os dias na expectativa, sem outro propósito que não fosse receber, de braços abertos e amorosos, os afagos de Ulisses. Era pouco para quem sonhara com uma vida intensa e compartilhada, mas suficiente para mantê-la na ilusão de que o casamento era o mar de rosas que prometia.

O apetite sexual de Ulisses era uma chama cujo combustível se renovava a cada dia, e isso não desagradava Dandara. Ho-

mem adulto, maduro, unido a uma moça cheia de gana e vigor, formavam uma sinergia que explodia em sexo arrebatador, ainda que limitado pelos padrões da moralidade impregnada nas famílias tradicionais. Não demorou para que se consumasse a primeira gestação, festejada com alegria e entusiasmo.

A maternidade era apresentada como sonho e objetivo de toda mulher, antes que a revolução sexual dos anos 1960 viesse relativizar essa fatalidade quase inexorável. Nem só de desejo e compulsão fluía a relação sexual do casal. Havia uma determinação subjacente, marcada pelo papel autoritário do homem, magnânimo chefe da família. O apetite dele se impunha sobre a disposição dela, a quem competia cumprir a obrigação marital, muitas vezes como concessão. Não se pode dizer, portanto, que todas as relações não fossem plenamente consensuais.

A primeira gravidez foi, sem dúvida, uma benção para Dandara e um orgulho para Ulisses, que via ali o início de uma farta prole. A descoberta que seriam gêmeos quase ratificava a virilidade incontestável do homem que se queria garanhão, ainda que isso nada tivesse a ver com desejo e mérito.

O lamentável é que essa primeira gestação resultou numa tragédia. Os bebês, de ambos os sexos, nasceram roxos e não sobreviveram mais que algumas horas de vida. Minha mãe sempre atribuiu o fracasso aos remédios que lhe foram ministrados durante a gravidez. Para Ulisses, tratava-se de erro médico incontestável. A precariedade da medicina da época não lhes deixava muitos argumentos para contestar.

A índole pacífica, quase submissa, de meus pais contribuiu para que decidissem olhar para a frente, viver o luto com toda a sua dor e fazer novos planos para consumir uma desejada hereditariedade. Meu pai sentiu fraquejar sua flama de macho. Veladamente, transferia à mulher a responsabilidade pelo fra-

casso, como se Dandara não tivesse conseguido levar a contento tão preciosa alquimia. O fato de ser sua primeira gestação e, ainda por cima, de gêmeos, tornava o lamento mais pesado.

Minha mãe, por seu lado, acumulava a dor de gerar rebentos natimortos. Sua angústia era desmesurada, assim como a irracionalidade da culpa que a acompanhava, ainda que injustificável. O casal atravessou um espesso tempo de amargor em direção à cura, ora se apoiando mutuamente, ora deixando transparecer a descrença nas entrelinhas mal contornadas do cotidiano.

A recuperação lenta e gradual, física e espiritual, de Dandara ergueu-se sobre um propósito de compensação. Ela haveria de dar um, dois, quantos filhos Ulisses desejasse, não importando seu próprio querer. Por sorte — ou resignação — isso não lhe parecia sacrifício, mas prazer: cumprir a doce e sublime bênção da maternidade.

Poucos meses depois, minha mãe engravidou novamente. A esperança se renovava. Meu pais festejavam — não sem os devidos cuidados — aquele ser que tomava corpo na escuridão do ventre materno e se nutria da expectativa do casal. Nasci eu, Rinaldo, bebê gordo, rosado, cheio de gana. Mal abri os olhos, apossava-me aos berros do peito inflado de minha mãe. Ao vir à luz, mais que estreitar minha própria vida, enchi de vida a história conturbada de meus pais.

Herdei o nome de um irmão de Ulisses, que morreu jovem por uma doença pouco conhecida e pela ineficiência da medicina local. Quando já garoto taludo, ouvi poucas histórias sobre esse tio enigmático e também misterioso. Meus pais não costumavam revirar o passado — talvez para não se dobrarem ao saudosismo, talvez como forma de exorcizar fantasmas.

Ainda assim, pela atenção curiosa, consegui pinçar de conversas entrecortadas que meu tio fora um homem bonito, afe-

tuoso, cheio de garbo e inteligente. Era também artista, com promissoras inclinações literárias que nunca chegou a por à prova, interrompido em seu voo criativo, tolhido pelas irreduzíveis fraquezas humanas. Ao homenagear igualmente seu primeiro filho, talvez meu pai desejasse mais que homenagear o irmão: quem sabe resgatar a aura de Rinaldo que seguia viva em sua memória.

Meus primeiros anos de vida foram, ao que tudo indica, uma infância feliz. Toda a atenção se voltava para mim, garoto esperto, cheio de gosto e poder. Logo aprendi a lidar com caprichos. O choro insuportável tornava-se chantagem eficiente para a realização dos desejos. Os sorrisos reconfortantes dobravam a resistência dos meus pais, que se rendiam com ternura.

Com intuição e desespero, minha mãe foi aprendendo a diferenciar os abusos e a dor real no choro intermitente do filho. Passava os dias sozinha comigo e mal podia contar com o companheirismo de Ulisses quando ele retornava das longas jornadas de trabalho. Na verdade, meu pai logo encontrou motivos para passar mais tempo fora de casa. Quando não havia hora extra, surgiam reuniões que lhe tomavam até partes da noite.

Dandara foi obrigada, a contragosto, a se virar sozinha, recorrendo às vezes — para não incomodar — o providencial socorro das vizinhas. Fazia vistas grossas à ausência frequente e mal explicada do marido durante a semana. Apesar da fragilidade aparente, a solidão fazia florescer nela a índole de uma mulher resoluta, que mais adiante seria fundamental para enfrentar os dissabores que acometeriam a família.

Sejamos justos: os fins de semana eram nossos. Integralmente. E isso agradava a minha mãe. Logo seríamos quatro, com a chegada de uma filha, e apesar de a família continuar

crescendo, a diversão estancaria ali — já não era possível cuidar do bando em passeios públicos.

Aos sábados e domingos, Ulisses reservava suas horas de folga para estar conosco. Com generosidade, promovia momentos de entrega e prazer que lembravam a Dandara que ali existia, de fato, uma família. Não havia festas, cinema, restaurantes ou viagens. Minha mãe contentava-se com os prazeres singelos que meu pai e as condições financeiras permitiam.

Costumávamos ir à praça da Independência, passear pelas alamedas arborizadas. Com sorte, topávamos com uma banda militar a tocar seus dobrados. A praça era perto, a três quadras de casa, o que tornava a caminhada confortável, mesmo com crianças pequenas. Outras vezes íamos à praça Pedro Gondim, equidistante de casa, mas em outra direção, com desenho urbanístico diverso.

Ali não havia fanfarra, nem a exuberância verde ou o traçado impecável de Burle Marx como na praça da Independência. Havia, porém, um encantador jardim japonês: uma pequena ponte sobre um lago sinuoso, onde peixinhos vermelhos nadavam entre baronesas e outras plantas aquáticas. Uma das raras fotografias que guardo da infância foi tirada ali, ao lado da minha irmã menor e de minha mãe, que ostenta um semblante suave.

O final de tarde desses passeios bucólicos apaziguava o coração, por vezes aflito, de Dandara, em sua lide diária e na pressão crescente pela criação dos filhos. Controlando a procriação como podia — à base da tabela do ciclo menstrual ou de pílulas anticoncepcionais, os poucos recursos disponíveis à época — minha mãe não conseguia conter os impulsos afoitos de Ulisses, tampouco os caprichos da natureza incerta.

Mal haviam passado dois anos do meu nascimento e já nascia uma filha; dois anos depois, outro filho. E mais outro, até chegar a cinco. O sexto veio com menos de um ano do parto anterior, o que scandalizou toda a família, sobretudo minha tia Lindalva. O assombro não se devia exatamente ao número de filhos, que estava dentro da média. Na rua em que morávamos havia famílias com dez, doze crianças, e isso parecia natural.

Uma grande prole era sinal de fartura, vigor sexual, fidelidade aos preceitos do “crescei e multiplicai-vos” das mal lidas páginas religiosas. Mas já deixava de ser uma atitude sensata num mundo em acelerado processo de transformação. No início da década de 1960, a mulher começava a vislumbrar novas perspectivas, não sem uma luta aguerrida contra o machismo renitente.

Crescia com a formação acadêmica, destacava-se nas artes e nas ciências, ganhava espaço no mercado de trabalho, onde buscava disputar quase em igualdade com o homem. Para essa nova mulher, a procriação desmesurada tornava-se um fardo, um empecilho incontornável à autonomia e liberdade.

Nesse contexto histórico, minha mãe caminhava para trás, abdicando de tudo para servir ao marido e para criar os filhos que fora trazendo ao mundo — não como escolha plena, mas como forma lenta e eficaz de aprisionamento.

O dito e o interdito

Vivi em uma casa pequena, típica de conjunto habitacional projetada para acomodar duas a quatro pessoas com algum conforto, mas que logo se apequenou diante da voracidade de uma família que insistia em crescer. Com o tempo, as reformas sucessivas lhe conferiram um aspecto inacabado, desproporcional. Por sorte, as ampliações se davam para os lados e para o fundo, ainda assim, não lhe tiravam o ar de improvisado mal alinhavado.

Além do núcleo familiar — pai, mãe e filhos, que já somavam oito! —, nossa casa funcionava como um assentamento humano. Abrigava meu avô materno, verdadeiro proprietário do imóvel; um tio solteirão, irmão de minha mãe; uma prima órfã, "herdada" com a morte da mãe, também irmã de minha mãe; uma adolescente vinda do interior para auxiliar nos afazeres domésticos; e as visitas, sempre numerosas, invariavelmente pontuais na hora das refeições.

Visto à distância, surpreende como tudo girava — ou passava — pelos nós das saias de minha mãe. Mas não nos enganemos. Mesmo com a figura parda e frequentemente ausente de meu pai, a voz de comando era sempre a dele. Aos modos de um deus onipotente, nada acontecia sem a sua anuência. Curiosamente, nessas interações sociais, mostrava-se de uma permissividade quase molenga, incapaz de negar o que quer que fosse a quem quer que fosse.

Não admira, portanto, que os papéis de gênero estivessem rigidamente definidos, como convinha à época. A década de 1960 foi marcada pela resistência patriarcal a um mundo em ebulição. Vivia-se o recrudescimento de uma ditadura que se impunha não apenas para o controle político, mas também para a preservação dos chamados bons costumes da tradicional família cristã brasileira. Ratificavam-se, assim, os papéis inabaláveis do homem e da mulher, do marido e da esposa, do pai e da mãe, do chefe da família e sua casta de subalternos — dentre os quais se situava a mulher, mãe da prole e objeto incontestado do macho reprodutor.

À mãe cabia o vale-tudo: administrar uma renda familiar cada vez mais exígua, educar os filhos dentro do rumo esperado e continuar servindo — e engravidando — na inconsequente proeza sexual do chefe. Ao pai, que dava as costas aos afazeres domésticos, entre eles a imensa responsabilidade da criação dos filhos, bastava o papel de provedor. O dia entre colegas de trabalho, ao que tudo indica, era-lhe bem mais aprazível que a convivência no lar.

É difícil imaginar os manejos quase mirabolantes de minha jovem mãe para administrar o pandemônio que com frequência se instalava em casa. As doenças eram recorrentes e severas, numa época de parca assistência médica. Catapora, papeira, rubéola, gripes diversas: quando um pegava, caíam todos. Vivíamos na promiscuidade inevitável de um grande salão que fazia as vezes de quarto coletivo e que, nessas ocasiões, se convertia num verdadeiro sanatório improvisado.

Salvo os momentos divertidos das brincadeiras na rua de terra batida, são essas — ainda que não todas — as lembranças de uma infância que sempre me pareceu mais assustadora que idílica. Torço o nariz, portanto, para quem fala da infância

como um mar de rosas, com a doçura artificial de quem projeta sobre ela uma ingenuidade paradisíaca.

Talvez para alguns tenha sido, de fato, substancialmente diferente. Talvez eu esteja apenas fazendo um contraponto retórico às frases feitas, próprias de propaganda de planos de saúde e margarina. Mas a realidade costuma ser bem mais obscura. O que resta é o resgate possível do apagamento seletivo da memória, mecanismo providencial para que se consiga seguir adiante.

Sobre os papéis sociais de pai e mãe, cabem alguns comentários que sempre permaneceram implícitos, nunca verbalizados. Meu pai, em sua função inquestionável de chefe da família, era tão autoritário quanto incontestável. O que parecia força era também fraqueza. Contra a arrogância e a intransigência, não há negociação possível; e, à medida da que cresce a consciência e a autonomia dos filhos, o confronto torna-se inevitável.

Mas o que ocorre quando o molde que nos forma se reveste de doçura e cordialidade? É assim que se apresenta a mãe, sob o manto da proteção e do acolhimento, encobrendo uma submissão profunda. Pais controlam com autoridade; mães dominam com afeto. Ainda que a afirmação soe maniqueísta, é difícil ignorar o poder de quem gera a vida. Somos, afinal, um pedaço da mãe, arrancado de suas entranhas para seguir inexoravelmente em existência própria.

Pouco há como se contrapor à força materna, tão sutil quanto devastadora. Os filhos homens são criados para si, num complexo de Édipo às avessas que nunca se resolve. As filhas, por sua vez, são preparadas para os futuros maridos, destinadas a perpetuar o ciclo de gerar seus próprios frutos de amor interdito.

Não se trata de pintar a mãe como megera. Reconheça-se: se com uma mão ela tira, com a outra oferece. Uma mãe dedi-

cada — há as que não o são, evidentemente — esforça-se para que nada falte aos filhos. Do alimento à educação, do lazer à saúde; quando possível, tudo passa por seu controle. Assim era quando as mães se restringiam quase exclusivamente à administração do lar.

Esse controle absoluto, revestido de cuidado e zelo, transforma-se num torvelinho que nos enreda nos projetos alheios, delineados para cada filho e difíceis de contrariar sem provocar frustração profunda. A frustração converte-se em dívida e em chantagem afetiva. É esse o legado que muitos carregam, sem jamais conseguir dele se libertar.

São poucas as lembranças que guardamos da infância. A memória seletiva nos devolve apenas fragmentos telúricos, insuficientes a um exame mais profundo. Há quem prefira não se dar ao trabalho. É mais confortável acreditar que houve um tempo de plenitude e felicidade absoluta. Prefiro construir, desde já, um presente ao menos sereno.

A infância me resta como exercício de memória e reconstrução. A memória é um castelo de areia: instável, frágil, erguido sobre vagas lembranças e muita idealização. Evito criar imagens cintilantes nas sombras da minha inexpugnável solidão.

Numa família de seis filhos, o primeiro logo deixa de ser o centro. Não por desamor, mas por necessidade. A atenção, antes exclusiva, passa a ser dividida a cada novo rebento. Minha solidão, contudo, ia além desse recalque egocêntrico. Uma inquietação difusa me habitava, incapaz de formular as perguntas que um dia surgiriam.

Assombrava-me a ideia de perder o pai. Angustiava-me ver o esgotamento estampado no rosto da mãe. Pensamentos pouco compatíveis com a infância, é verdade. Mais perturbador, porém, era não saber como dizer, debater-me num diálogo

interior feito de vozes mudas. Essa estranheza me empurrava ao isolamento, a uma reclusão silenciosa em mim mesmo.

Passava horas nas árvores, em busca da sensação de altura. Escalava o frondoso pé de sapoti que ornava a lateral da casa; dele, aventurava-me pelos telhados, explorando recantos e segredos inacessíveis aos demais. Eram momentos de risco, tensão e concentração absoluta — um mergulho interior em que eu construía um universo próprio, livre de ansiedade e culpa.

Meu jeito misantropo chamava atenção. Ainda que recatado, habitava um mundo exposto e, ao mesmo tempo, indecifrável. Um mundo que gerava preocupação. — Que diabos tem esse menino? — Não é nada, coisa da idade, com o tempo, passa.

Eu percebia tudo com aparente indiferença, mas não sem inquietação. Aos poucos, compreendia que algo destoava ao ouvir as justificativas de meu tio aos amigos sobre minha voz insegura e nasalada, ou as reprimendas de minha mãe quando eu chegava em casa assustado, acuado.

Nada, contudo, marcou-me tanto quanto a mudança no comportamento de meu pai. De sua indiferença habitual, carregada de decepção silenciosa, passou a uma atitude ostensiva à medida que eu tomava corpo. Ouvia, não sem indignação, quando repetia com frequência: — Dois bicudos não se beijam!

A frase, em seu despropósito brutal, fez-me compreender o que dizia de forma velada. Ali se anunciava um embate que nunca chegaríamos a travar, mas que revelava uma postura arcaica e intransigente. Minha mãe, que me criara, emudecia, tomada por um sentimento profundo e irreduzível fracasso.

Miragem de ébano

No cruzamento das ruas General Bento da Gama e Carneiro da Cunha, logo no início do bairro da Torre, ficava a venda de Seu Joaquim. O prédio térreo, de platibanda simples e sem ornamentos, tinha três portas estreitas: duas fronteiriças, voltadas para uma rua, e uma na fachada lateral. A cidade, ainda acanhada, contava com essas mercearias — hoje quase inexistentes. Eram comércios de bairro que tinham de tudo e proviam as necessidades do dia a dia. De agulha a fumo de rolo, de charque a cachaça, pão para o café da manhã, manteiga a granel, louça, caçarolas, querosene e feijão. Nada de essencial faltava no mercadinho de Seu Joaquim.

Precisava de um produto em casa, lá ia eu correndo à venda. Correndo é um modo de dizer, pois para mim era um passeio: uma pequena caminhada, um momento de evasão pelo mundo afora. Tanto que sempre me apresentava para atender aos pedidos de minha mãe. A venda não era longe. Distava apenas um quarteirão. Mal dobrava a esquina e lá estava eu, pendurado no lustroso balcão de madeira coberto de zinco.

O balcão era comprido, em forma de “L”. À frente, em intervalos regulares, vitrines exibiam os produtos mais especializados. Havia linha de costura, sim — linha 10 para empinar pipa. Dedal, tesoura, botão. Eu levaria horas descrevendo tudo o que existia na venda de Seu Joaquim. Basta pensar numa iguaria: lá tinha. Um produto industrializado? Também.

Essa loja de variedades me encantava. Apesar da pouca luz que entrava pelas portas estreitas, gostava de observar os detalhes espalhados por todos os cantos. Do teto, onde se penduravam candeeiros, painéis e cordas, aos recantos mais obscuros, onde se empilhavam caixas de cerveja e cachaça de todo naipe.

Fico a imaginar como Seu Joaquim, já de certa idade, dava conta de tudo aquilo. Como achava os pedidos mais inusitados da freguesia, como fazia girar aquela panóplia de pequenas preciosidades. Apesar da amabilidade, não escondia certa sinuez. Não gostava de brincadeira em seu ambiente de trabalho — seu feudo particular.

Certa vez levei uma reprimenda por nada. Ainda assim, nunca deixei de gostar do velhinho, nem de compreender sua exasperação. Displícite, batia uma moeda no balcão enquanto aguardava o atendimento, quando o ouvi embravecido dizer que detestava quem fazia aquilo, como se a pressa de quem espera pudesse apressar quem atende. Fui logo servido, quase como quem se livra de um incômodo. Nada disso me afastou da venda de Seu Joaquim.

Filho mais velho de uma prole de seis — mas não tão velho a ponto de gozar de liberdade para percursos mais longos — era a mim que minha mãe confiava as pequenas urgências da casa. E eu não me queixava. Ainda que o trajeto entre minha casa e a venda fosse ínfimo, havia um mundo de descobertas a desbravar.

A venda não tinha nome de fantasia. E, se tivesse, ninguém saberia — ou fingia não saber. Era simplesmente a Venda de Seu Joaquim. O dono emprestava personalidade ao lugar: amigo da vizinhança, sujeito de confiança, capaz até de vender fiado em tempos de aperto, desde que as compras fossem anotadas num caderninho. Convém dizer: abusar desse recurso podia levar Seu Joaquim à bancarrota.

O caminho até a venda era sempre uma miríade de novidades: um cachorro a latir, um jardim em flor, a pintura recente de uma casa, o olhar cabreiro de uma velha ranzinza, crianças nos alpendres, um telefone a tocar. A vida se enchia de cores e sons a contrastar com os reclames de casa, dos irmãos pequenos, catrentos e implicantes. Estar na rua era ter licença para sonhar.

Dito assim, parece que minha casa era um verdadeiro inferno. Não era. Era apenas um pouco aperreada. Um alvoroço constante. Mas nem tudo era dissabor. A vida em família também tinha seu lado festivo. Não havia aniversário que passasse sem os comes e bebes tradicionais. Brigadeiro, bolo confeitado, pastel de carne com açúcar. Quase tudo feito em casa. Minha mãe sabia se virar na cozinha, na máquina de costura, no bordado. As empadas de camarão, porém, eram encomendadas à dona Célia, vizinha da casa em frente, famosa por fazer as melhores da região.

O que mais gostava era de estar sozinho — coisa rara. Só conseguia isso no trajeto entre minha casa e a venda. Era um momento só meu, para pensar as besteiras próprias da infância. Ainda assim, não saía sem um rosário de recomendações: não mude de caminho, não converse com estranhos, volte direto para casa, cuide do troco, não gaste com besteira.

Minha mãe era a mais preocupada. Meu pai vivia na rua, no trabalho ou sei lá onde. Delegava à minha mãe todas as resoluções domésticas. O peso das precariedades do emprego, da prole numerosa e do salário curto o tornavam uma figura ensimesmada, pouco afeita à delicadeza.

A infância era povoada de assombrações. O terror funcionava como método educativo. Quando não eram os ciganos que roubavam crianças, era o papa-figo, figura sombria que — diziam sem comprovar — arrancava o fígado dos pequenos.

As advertências eram categóricas: não aceite balas, não pegue dinheiro de estranhos. Eu desconfiava dessas histórias — invenções para controle.

Quando as ameaças não bastavam, vinha o relato exemplar. Inúmeras vezes ouvi a história da morte de Francine, menina bonita que morava nas imediações. Mandada às compras, distraída, atravessou a rua em frente à venda de Seu Joaquim sem olhar. Um caminhão a atropelou. Morreu. Ninguém culpou o motorista.

Isso sim me apavorava. Minha imaginação reproduzia a cena em detalhes: o corpo frágil sob a ferragem, o sangue no calçamento, a cabeça esmagada. Havia certa morbidez no relato de meu pai, que a cada versão aumentava o grau do drama. Na intenção de me alertar, acabava por me atormentar.

Hoje entendo sua preocupação. Talvez já me visse como um sonhador, um aluado, encantado com borboletas, flores e com o riacho que corria pelas valas do meio-fio nos dias de chuva. Esse era o meu mundo.

Na puberdade, eu destoava dos outros meninos. Não tinha o vigor rude dos rapazotes da rua. Aproximava-me mais da delicadeza das meninas com quem brincava. Ainda assim, enfrentava as pelejas infantis, tentando me adaptar.

Algo extraordinário revolia minha alma. Os caminhos disponíveis não cabiam no que eu desejava — porque meu desejo ainda não tinha nome. O desamparo da orientação sexual começa em casa, nos silêncios, nos interditos. Os pais sabem mais do que dizem; nós, menos do que sentimos.

A venda de Seu Joaquim ficava numa área de serviços que lembrava um pequeno centro comercial. Clínicas, oficinas de rádio e televisão, papelaria, sorveteria, farmácia, escola, posto de gasolina, padaria. A região da mercearia era um mundo à parte.

Esse recanto urbano, no limiar entre o Centro e o bairro da Torre, me atraía pela diversidade humana, em contraste com a travessa de chão batido onde eu morava. O tempo tratou de demolir esse pequeno universo. A venda não existe mais. Foi engolida pela fúria do progresso e pelos supermercados.

O posto de gasolina, em frente à venda, permanece. Não o mesmo. Na época, era apenas um escritório simples e duas bombas descobertas. Nos fundos, um pátio para lavagem de carros e troca de óleo. Havia ali um pequeno banheiro de uso dos bombeiros — hoje chamados frentistas.

Num fim de tarde, quase escuro, ao voltar da venda, resolvi passar pelo pátio dos fundos. O cheiro era inebriante. O chão, escuro e pegajoso, denunciava o ofício antigo. Sentia-me intruso naquele ambiente adulto.

Uma algararra chamou minha atenção. Era o fim do expediente. Vi três homens num banheiro exíguo, rindo, conversando, como se estivessem protegidos do mundo. Um tomava banho, os outros se ensaboavam. Estavam nus, desarmados de pudor, entregues à naturalidade de quem não se sente observado.

Parei sem perceber que havia parado. Meu primeiro impulso foi recuar, desviar o olhar, fingir que nada via. Havia ali algo de proibido, um território que eu sabia não me pertencer. Ao mesmo tempo, uma curiosidade intensa me prendia ao lugar, como se meus pés tivessem criado raízes no chão viscoso do pátio.

Senti um desconcerto físico. O coração acelerou, a respiração encurtou. Um calor estranho me subiu pelo corpo, misturado a um incômodo que eu não sabia nomear. Não era medo apenas. Nem vergonha. Era uma espécie de espanto — como se o mundo tivesse se aberto de repente, revelando uma dobra secreta que eu desconhecia.

Nunca imaginei tamanha intimidade entre homens. Eram altos, fortes, negros, de uma beleza rústica que eu ainda não sabia reconhecer como beleza. Os corpos se tocavam sem intenção aparente, numa camaradagem simples, quase infantil. Vi o sexo volumoso roçar-lhes as coxas. Não era a dureza que me impressionava, mas a presença: algo vivo, afirmado, exposto sem culpa.

Eu não compreendia o que sentia. Não sabia se queria olhar ou fugir, se aquele desejo era meu ou se me havia sido imposto pela cena. Havia uma vertigem, como se eu estivesse à beira de um precipício e, ao mesmo tempo, protegido por uma curiosa sensação de acolhimento. Pela primeira vez percebi que meu corpo reagia antes do pensamento.

Afastei-me devagar, temendo ser visto, mas desejando sê-lo. O caminho de volta pareceu outro, embora fosse o mesmo. As casas, a rua, os sons — tudo havia perdido a nitidez habitual, como se eu atravessasse um mundo ligeiramente deslocado. Levava comigo um segredo sem palavras.

Passei a ir à venda no horário do fim do expediente. Queria passar pelo pátio, ver novamente aquela camaradagem nua, confirmar que não fora imaginação. Logo perceberam minha curiosidade. Fui descoberto em minha sanha silenciosa, na vontade indisfarçável de estar entre eles.

A sexualidade aflorava em mim. A pulsão me arrastava. O desejo se revelava de forma involuntária e confusa — uma travessia iniciada sem mapa, que, sem que eu soubesse, passaria a me acompanhar para sempre.

Breu

Oabismo se projeta no breu da noite. Falas ininteligíveis, murmúrios, ruídos sem nome, sons indecifráveis, odores, luzes intermitentes, sombras em convulsão. Latejos de animais reais e imaginários pululam na densa camada da escuridão. De forma absurda e contraditória, a ausência de luz revela espectros incorpóreos de todos os temores.

Não sei precisar em que momento o breu tomou conta de mim — se de modo repentino ou gradual, se sutilmente ou com violência. Sei apenas que tive de lidar com essa massa pastosa por muito tempo, como quem aprende a caminhar em terreno instável, sem saber onde pisa.

Se as noites me eram espantosas, os dias aparentavam tranquilidade, ainda que não isentos de inquietação. Talvez a infância seja, por si só, um estado permanente de insegurança. Em maior ou menor grau, os desafios se impõem. Na escola, a cobrança pela aprendizagem; entre amigos, a disputa por afeto e coragem; em casa, a necessidade de corresponder às expectativas do pai e da mãe. Resta pouco espaço para que emerga o que realmente se é — ou o que se gostaria de ser. Esse também é um enigma: saber o que se é.

Na escola, onde todos os garotos se diziam valentes — ainda que muitos apenas fingissem —, peijas e intrigas brotavam de ninharias: um flerte mal correspondido, pequenas traições, orgulhos feridos, discussões bobas. Frágil e recolhido em minha timi-

dez, eu era alvo fácil para a afirmação arrogante dos mais afoitos. Era a forma que encontravam de impressionar as meninas, de aparentar maturidade, quando no fundo exalavam imaturidade.

Por motivo banal — uma aproximação desinteressada da paquera de um dos valentões da turma — fui desafiado a uma briga no final das aulas, fora do colégio. A promessa era clara: iria me quebrar no pau. Suava frio desde então. Imaginei a vergonha de apanhar diante dos colegas, a prova pública da fraqueza, a decepção de chegar machucado em casa. Estava certo de minha inaptidão para a briga, da incapacidade física, da completa inabilidade para desarmar o conflito sem parecer covarde.

Ao aceitar o desafio, pus-me também à prova. Apanharia, disse não tinha dúvidas. Mas o passo decisivo era outro: não me deixar intimidar. Sabia que, se recuasse, as ameaças apenas cresceriam. As aulas passaram em meio a um alvoroço interior atordoante. Sem concentração, temendo o que viria, guardava em silêncio a derrota anunciada, como quem se lança no vazio.

Com o espírito em ebulição, mas com uma serenidade aparente, apresentei-me no local marcado. O estardalhaço típico da saída do colégio, em sua alegria espalhafatosa, contrastava com minha apreensão. Risos, falas estridentes, abraços de namorados — tudo parecia indiferente à estupidez prestes a acontecer.

Mas não seria daquela vez.

Quando menos esperei, o desafeto aproximou-se por trás, tocou-me o ombro e disse que não havia nada demais, que não queria brigar, que podíamos ir para casa em paz. Aliviado, dei por vencido aquele salto na escuridão — não como vitória, mas como suspensão provisória do medo.

O breu, contudo, não se dissipara. Apenas recuara alguns passos.

Bancos de aprendiz

Obreu não se dissipou com o amanhecer. Apenas mudou de forma.

Fiz a alfabetização na escola de Dona Pequena, como boa parte das crianças da minha rua. Era uma escola doméstica, improvisada na sala de estar de uma casa a poucos metros da nossa. Dona Pequena e sua filha, Dona Ivete, formaram toda uma geração de meninos e meninas. Seus métodos eram simples, tradicionais, mas eficazes. Com paciência e rigor afetivo, realizaram o extraordinário trabalho de abrir nossas mentes para o exercício das abstrações: as letras, os números, a gramática, a tabuada.

Lembro o quanto penava para decorar o alfabeto — vogais, consoantes, as combinações possíveis, as primeiras palavras, a sonoridade, a função dos acentos. Com os números, aprendi os múltiplos, a soma, a subtração, a divisão. Às vezes tudo parecia um jogo. $9 \times 7 = 63$, $5 \times 8 = 40$... até compreender que a multiplicação era também uma soma: 7×3 era o mesmo que $7 + 7 + 7 = 21$. Parecia mágica. Mas era raciocínio.

Foi ali que rabisquei meu nome pela primeira vez, que treinei a caligrafia nos cadernos de pauta larga. Ali me encantei com a leitura, com o desafio de decifrar o amontoado de letras justapostas que, de repente, saltavam dos livros ilustrados em forma de sentido. Guardo com carinho a lembrança daqueles primeiros anos nos bancos “acadêmicos” — bancos de verdade,

tamboretes duros onde nos sentávamos para os ditados e para a sabatina das provas orais.

Com cinco anos, soletrava sílabas. Com dez, despedia-me de minha segunda mãe, Dona Pequena, para enfrentar o teste de admissão ao Ginásio. À época, o ensino dividia-se em Primário, Ginásial e Científico, antes da Universidade — um sistema que impunha, desde cedo, ritos claros de passagem.

Para o Primário, as regras eram fluidas. Qualquer pessoa podia encarregar-se da alfabetização, resquício da informalidade herdada das escolas rurais. A capital paraibana dos anos 1960 ainda guardava ares de província. Nascera às margens do rio Sanhauá, expandira-se lentamente rumo ao litoral. Havia algo de pitoresco naquele estatuto de capital: reflexo de um país tacanho e contraditório, que se queria moderno sem deixar de ser arcaico.

Para ingressar no Ginásial, porém, era preciso comprovar habilidade. O temido teste de admissão era, para nós, a primeira prova de ascensão — uma passagem simbólica da infância para algo que se anunciava como adolescência. Por algum tempo, minha mãe cogitou me matricular na Escola de Aplicação, pública, no Centro da cidade. Acabou aceitando a ajuda de Regina, amiga e professora de História no Instituto Presidente Epitácio Pessoa.

Regina morava a três casas da nossa. Era referência intelectual na vizinhança, prestígio raro naquele meio. Por circular com facilidade nos corredores do colégio, soube da existência de bolsas de estudo destinadas a alunos carentes, oferecidas por intermédio do Senado. Uma delas poderia garantir-me toda a formação ginásial. Foi assim que minha mãe encontrou meios de me oferecer uma educação que, na verdade, não podia pagar.

O Instituto Presidente Epitácio Pessoa — IPEP — era uma escola de elite, comparável aos Maristas, à Escola das Neves, às Lourdinhas. A qualidade do ensino era reconhecida e, aos olhos de minha mãe, garantia um futuro promissor. Estar entre os filhos da classe média abastada era, de certo modo, ensaiar uma ascensão social improvável. Para mim, significou um choque.

Passei no teste sem dificuldade. A educação austera de Dona Pequena e Dona Ivete dera-me base suficiente. Difícil foi a adaptação. A disciplina era rígida. Antes das sete da manhã, reuníamos-nos em fila no pátio. Cantávamos o Hino Nacional, rezávamos o Pai-Nosso e a Ave-Maria. Só então seguíamos para as salas. O ritual não deixava dúvidas: tratava-se de uma escola tradicional, patriótica, religiosa.

Aos onze anos, eu não articulava o vínculo entre aquele ritual e o regime autoritário, mas sentia o peso do doutrinamento. Nas paredes, frases como “Primeiro o dever, depois o lazer” ou “Ordem e Progresso” lembravam-nos constantemente do lugar que nos cabia.

Na sala de aula, o impacto era maior. Tímido, imaturo, atravessado por um sentimento persistente de inadequação, eu destoava dos colegas que exibiam segurança e desenvoltura. Embora estivesse numa escola de elite, não compartilhava o mesmo padrão social. O fardamento caro era obstáculo. Vestia calças costuradas por minha mãe, sempre caprichadas, mas feitas de tecido barato, que logo denunciava sua origem.

Os livros eram outro tormento. Com a ajuda de Regina, minha mãe e eu percorríamos casas em busca de exemplares usados. Apagar respostas antigas era tarefa humilhante e interminável. Muitas vezes pensei que teria sido melhor ir para a escola pública.

A sala de aula era um laboratório de vaidades. Não havia homogeneidade etária: alunos de onze a catorze anos conviviam. Os mais velhos sentavam-se ao fundo, dominavam o espaço, desafiavam professores. Eu ficava na primeira fila, atento, silencioso, quase invisível.

Alguns professores me constrangiam sem intenção. Corpos masculinos, posturas viris, calças excessivamente justas deixavam saltar volumes que me perturbavam — ora como incômodo, ora como atração. Eu desviava o olhar, mas nem sempre conseguia. Havia ali algo que me inquietava profundamente — medo e atração misturados. Era um segredo que eu não nomeava, nem para mim.

O distanciamento que mantinha dos colegas funcionava como proteção. Certa vez, no recreio, ouvi um dos mais velhos dizer a expressão “varei-te”. Não entendi. Ingentuamente, perguntei a Marina, uma das poucas amigas, o que significava. O riso dos outros e o constrangimento de Marina me calaram. Mais tarde, compreendi o sentido obsceno da expressão.

O machismo era brutal. Quando queriam expressar repulsa, diziam “essa boceta!”, com desprezo. Por eu me aproximar das meninas, passaram a me chamar de “bocetinha”. No início ignorei. Depois doeu. Era a tentativa de me associar à feminilidade como sinônimo de fraqueza.

Pouco tempo depois, um escândalo correu a escola: um garoto fora flagrado em práticas sexuais com outros rapazes. Não se falava em violência, mas em consentimento. Ainda assim, foi tratado como aberração. Os pais foram chamados. A solução foi cirúrgica — transferência imediata. O silêncio voltou, mas para mim o impacto foi devastador. Não pelo ato em si, mas pelo terror que o cercava. Se aquilo era possível, o que

dizer do desejo que eu próprio mal compreendia? Como sobreviver a ele? O desejo, descobri, podia ser também um perigo.

As hostilidades cresceram. Insinuações, meias palavras, ameaças veladas. Até que procurei o diretor. Envergonhado, mas com convicção, contei tudo. Disse que estavam me chamando de homossexual. Nem eu sabia o que isso significava exatamente para mim, mas sabia o peso daquela palavra. O diretor ouviu em silêncio. Pediu nomes. Depois do intervalo, já na sala de aula, um a um foi chamado à diretoria. Saíam incrédulos da sala sem entender o que estava acontecendo. Em mim sobressaltou-me a tensão. Pouco depois voltaram e passaram a me ignorar solenemente. Nunca mais fui hostilizado.

Também voltei diferente da conversa com o diretor. Não resolvido, não esclarecido — mas menos submisso. Fora a primeira vez que enfrentei a tentativa de me nomearem à força. Não sabia ainda quem eu era, mas intuí, com clareza rara, que ninguém tinha o direito de decidir isso por mim. O breu persistia, mas eu aprendera a atravessá-lo.

Disparada noturna

O tempo estava quente e modorrento, como as noites que antecedem o verão. Mas não é sobre noites sufocantes que quero falar.

Aos sábados, minha mãe tinha o hábito de nos levar à missa, na igreja de São Gonçalo, no bairro da Torre. Enquanto os filhos eram pequenos, ela os conduzia pelas mãos, num ritual de doçura que valia mais do que qualquer sermão. Aos doze anos, eu já não contava com esse mimo: ela se libertara da tarefa de alimentar nossas almas para dedicar-se às obrigações mais urgentes do mundo prático.

Nunca fui um garoto de muita fé. Costumava criar embaraços ao meu pai com perguntas que ele não podia — ou não queria — responder. Quando o velho e sisudo chefe da família, num arroubo de intolerância, criticava meus cabelos compridos, eu retrucava, ostentando minha juba de leão: Jesus Cristo também não tinha cabelos grandes? Ele respondia, seco, que era outra época.

Havia também a passagem bíblica que sempre me divertia provocar: Caim matara Abel, fora embora de casa e encontrara uma cidade. Como, se só existiam Adão, Eva, Caim e Abel? Eu adorava essas perguntas não porque quisesse respostas, mas porque expunham fissuras num edifício que se pretendia inabalável.

Uma revolução cultural se anunciava, ainda que diluída. O som dos Beatles e dos Rolling Stones chegava até nós filtrado

pelas rádios, nas vozes de Ronnie Von, Renato e Seus Blue Caps, Roberto e Erasmo Carlos, Wanderléa, Martinha. A Jovem Guarda lançava moda, desmontava velhos hábitos, inaugurava um visual que afrontava discretamente a rigidez doméstica.

Roupas bordadas, golas exuberantes, pulseiras nos braços, cores, brilho. Um eco estilizado do movimento hippie, sem seu teor político mais contundente. Bastava, porém, que aquela juventude colorida ocupasse capas de revistas — como a POP, ainda em tempos de televisão em preto e branco — para fornecer aos jovens ferramentas simbólicas de insurgência contra pais agarrados a restos de autoridade.

Havia muita androginia naquela juventude dita “transviada”. O termo hoje soa datado, mas traduz bem a delicadeza, o maneirismo, a suavidade de gestos incorporados por muitos rapazes. Ao chamá-los de transviados, buscava-se neutralizar sua rebeldia, sugerir um desvio — não apenas de conduta, mas também de sexualidade. A ambiguidade era lida como ameaça.

Nem todos os garotos aderiram àquela revolução. Muitos a rejeitavam como forma de preservar a masculinidade. Eu, ao contrário, mergulhei nela por inteiro, afrontando o conservadorismo doméstico. Andava quase fantasiado: calças boca-de-sino, camisa rendada, cabelos longos e volumosos, pulseiras nos braços. Uma leveza inequívoca no andar e no modo de ser me destacava do senso comum.

Apesar dos olhares enviesados, levava uma vida como a de qualquer garoto da rua, atravessando a fase delicada e transformadora da puberdade. Não era belo, tampouco invisível. Era romântico. Queria apaixonar-me por alguma menina que me desse atenção. Frequentava os “assustados”, bailes improvisados em garagens, às vezes longe de casa, onde a juventude ensaiava os primeiros beijos e namoros.

Vivia em estado de tensão — ou de atenção. Tudo parecia ocasião possível para uma paquera, para o surgimento de um afeto. Em mim, essa expectativa funcionava como trégua para uma inquietação mais profunda. Seguia, sem grandes rupturas, o roteiro comum dos adolescentes da época.

Ir à igreja, mesmo sem minha mãe, continuava sendo um compromisso semanal. Ia só, bem arrumado, como quem vai a uma festa. A missa pouco me atraía. Escutava distraído algumas falas e cânticos, permanecia à porta ou do lado de fora, atento ao movimento, sobretudo às meninas.

A igreja ficava a alguns quarteirões de casa. Os territórios tinham delimitações claras, dominados por grupos de jovens. Minha presença, ainda que discreta, se fazia notar. Eu era um estranho. Um garoto maneiroso entre rapazes hostis. A cobiça lançada sobre “suas” meninas era vista como invasão intolerável.

Só percebi o perigo quando notei que me seguiam ao final da missa. Caminhei com o fluxo dos fiéis, fingindo naturalidade, mas sentia-os no encalço. Apressei o passo. Depois corri. Corria menos pelo cansaço do que pelo pavor de ser encurralado e espancado.

Ofegante, alcancei a venda de seu Joaquim, ainda aberta. Ali parei. Espiei. Não me perseguiram mais. Respirei aliviado.

Nunca mais voltei àquela igreja. As missas — e as garotas — não seriam mais as mesmas para mim.

Peia-quente

“Assustados”, os bailes improvisados nas garagens das casas, eram um sintoma das transformações por que passava a garotada da minha rua, quase todos entre os dez e os quatorze anos. Perdíamos a ingenuidade da infância e ganhávamos outras emoções, uma mistura curiosa de desejo e inibição. As festas não eram frequentes, mas bastava um rumor para que nos mobilizássemos, mesmo que fosse em bairros distantes.

A puberdade trazia sua magia, deixando-nos bobos pelas garotas, encantamento alimentado por todo um aparato cultural: músicas, novelas, filmes, desenhos animados. Tudo conspirava para a idealização do amor romântico, do par, do acaasalamento conforme o modelo pregado pela educação familiar e religiosa.

Os humores que brotavam repentinamente em nossos corpos não deixavam dúvida quanto à mutação que nos preparava para a sexualidade. Ainda assim, não se tratava disso propriamente. Nossas investidas nas meninas da rua, da escola ou de mais longe eram antes um desejo de namorar, de dançar agarrado, rosto colado, suor no pescoço. Quiçá experimentar o constrangimento de sair do salão “com a garrafa no bolso da calça”, símbolo ambíguo de virilidade e poder.

O clima dos assustados era sempre estimulante. Um salão escuro, iluminado por lâmpadas azuis ou pelo brilho etéreo da luz negra, que fazia reluzir os motivos pintados com tinta fluo-

rescente, os olhos e os dentes. Havia ali um ar de encantamento e sedução que nos projetava, ainda que de forma precária, num simulacro de vida adulta.

Era também a ocasião dos primeiros goles de bebida alcoólica. Não havia o rigor da lei a nos proibir, tampouco o consentimento explícito dos pais, que pouco nos tutelavam nessas fugidas noturnas. Bebíamos batida de limão — cachaça, açúcar e limão — ou, no meu caso, preferia o “leite de onça”, bebida leitosa e adocicada feita de cachaça, leite condensado e outros ingredientes que nunca consegui decifrar.

Não era uma farra desmedida. Nunca vi ninguém cair pelos cantos ou vomitar. A bebida funcionava mais como um complemento, um empurrão de coragem para abordar as meninas ou se soltar na pista, acompanhando o repertório quase todo internacional: Billy Paul para os remexos, Imagine, de John Lennon, para dançar bem junto, ou My Love, de Paul McCartney, ápice do romantismo.

Nessa altura, eu não tinha uma paquera firme. Minha timidez — talvez meu jeito um tanto abatido — não despertava grande interesse. Penava para conseguir uma parceira de dança e, quando conseguia, era quase sempre por concessão, breve e sem promessa. Voltava frustrado desses encontros, mas não perdia o ímpeto: insistia, como quem frequenta aulas de recuperação.

Havia em mim um romantismo precoce, um desejo de viver uma fantasia que eu acompanhava com devoção até nas fotonovelas. Sempre fui leitor voraz de quadrinhos, lia tudo o que me aparecia, sem distinção de gênero ou personagem. As fotonovelas, histórias em imagens fotográficas, traziam os artistas da televisão em tramas de amor impossível, luta pela conquista e idealização da vida a dois.

Ao contrário de muitos garotos, movidos pela sedução, pela afirmação ou pelo exibicionismo, o que me conduzia era essa fantasia romântica assimilada em horas de leitura e melodrama. Talvez ali, oculto em algum recanto da alma, houvesse também um desejo silencioso de afirmação de masculinidade, mais para mim do que para os outros.

Meus dias eram quase sempre pacatos. Lia, desenhava, fazia ampliações das figuras que me encantavam, primeiro a olho, depois aprendendo noções de proporção. Vivia pelo quintal arborizado de casa, entre abacateiros e sapotis. Subia nas árvores, gostava de ver o mundo de cima, de ficar só, numa solidão que eu já intuía. Fora isso, era da escola para casa, de casa para a venda de Seu Joaquim.

Com o tempo, fui ocupando mais a rua. Brincava de “baleado”, participava de jogos que incluíam meninos e meninas. Futebol nunca me atraiu muito; sentia-me frágil, sem fôlego, deslocado da violência implícita das disputas e das escaramuças que quase sempre terminavam em briga.

Passei então a conviver mais com os meninos, alguns mais velhos. As brincadeiras eram pesadas e frequentemente resultavam em punições: “garrafão”, “barra-bandeira”, “peia-quente”. Quase todas terminavam em “lixa”, uma sova coletiva no perdedor, com tapas na cabeça ou no corpo. Entrava nessas disputas por desafio pessoal. Gostava da tensão, da adrenalina. Apanhei algumas vezes, mas quase sempre escapava.

Numa dessas brincadeiras, eu era o pivô que precisava encontrar os outros escondidos pela rua. Era fim de tarde. Dei as costas, contei até cem enquanto seis garotos corriam. Quando me virei, não havia ninguém. Procurei atrás de árvores, muros, recantos — nada. Resolvi então entrar na casa do Dr. Meinardi,

uma construção imponente na esquina, cercada de jardim e arbustos. Só podiam estar ali.

Perdi a noção do tempo nessa busca. A noite caiu de repente, como um manto espesso, e eu ainda vasculhava o jardim alheio quando ouvi uma voz grave. Era o próprio Dr. Meinardi, perguntando o que eu fazia ali. Constrangido, ouvi-o mandar-me embora. Já era hora de jantar. Saí cabisbaixo, chateado, percebendo tardiamente que fora enganado pela turma. Aquele fora meu castigo. Passei a desconfiar.

Ainda assim, nada me importava em excesso. Preferia estar só a estar com os moleques da rua. Com meu tio, irmão de minha mãe, que morou um tempo conosco, aprendi a fazer pipas com palitos de coqueiro e papel de seda. A construção era um exercício de aerodinâmica: acertar o cabresto, entender o vento, ajustar o ângulo. A pipa precisava de cauda — nem curta nem longa demais — para não girar enlouquecida. Sem vento, não havia brincadeira; e para nós, pipa ainda se chamava “coruja”.

Quando dominei o processo, fiz pipas de muitos formatos: losangos, quadradas, redondas, pássaros, peixes, caixotes. Algumas funcionavam, outras serviam de experiência. O melhor era soltá-las no ar, deixar correr o carretel até onde aguentassem. Às vezes iam tão longe que quase desapareciam, mas eu sabia que ainda estavam lá.

As brincadeiras vinham em ciclos. Houve o tempo do peão, da bola de gude, das castanhas. Com as pipas era igual. Nos meses de vento, agosto e setembro, elas disputavam o céu sobre o descampado no fim da rua — espaço aberto que mais tarde se tornaria uma grande avenida ligando o Centro à praia. Naquele tempo, porém, era ali que eu encontrava meu território. Era também a minha praia.

Noites de sedução

Como um manto diáfano, a noite caía suavemente. A melancolia apaziguava o ânimo da garotada, que até há pouco se esbaldava nas brincadeiras de rua. As tarefas escolares ainda não eram tantas, e o brilho sedutor da televisão não absorvia por completo o ímpeto juvenil.

Do terraço de minha casa, eu admirava as frondosas árvores que disputavam o exíguo espaço no jardim de dona Célia. Um jambeiro, uma oliveira e um abacateiro formavam um paredão verde, em tons quase indistintos, que àquela hora assumiam a cor compacta do anoitecer. Sem espaço para se espriaiar, as árvores se esticavam em busca de luz, disputavam entre si, ensaiavam um bailado lento ao frescor do vento. Esse pequeno pomar, que explodia em flores e frutos conforme a estação, servia de anteparo ao sol da tarde, que incendiava a parede branca da fachada.

O jardim de nossa casa, ao contrário, mal merecia esse nome. Desprovido de vegetação abundante, contava apenas com arbustos esparsos sobre a terra batida, sem qualquer cuidado paisagístico. Havia, isso sim — e era motivo de orgulho para meu pai — uma palmeira rústica, de aspecto primitivo, folhas de um verde profundo e caule anguloso. Talvez por estar voltada para o nascente, nossa casa prescindisse da cortina verde exuberante que protegia a da frente.

Dona Célia tinha três filhos: Gigi, o mais novo, Daniel e Pedro, estes dois adotivos. Quanto a Gigi, nem todos tinham certeza se também o era. Havia certo ar de mistério em tudo o que cercava aquela casa: tão presente na rua, tão fechada sobre si, como se guardasse uma intimidade que só se deixava ver por frestas.

Gigi, apesar de ser o mais novo, vivia pelo mundo. Mal aparecia. Não costumava brincar com a meninada, não sabíamos se estudava, nem onde passava temporadas. Talvez vivesse com o pai, que não morava com dona Célia. Surgia sem anunciar e desaparecia do mesmo modo, deixando sempre perguntas no ar.

De espírito brincalhão, Gigi era robusto, branco-rosado, de cabelos quase louros. Em seu modo fanfarrão, ostentava uma sexualidade exuberante que, mesmo sem ir às vias de fato, se mostrava despidoradamente. Numa roda de amigos, no terraço de casa, exibia sem constrangimento o membro semi-duro, um volume soberbo, como quem ostenta um troféu. A reação era unânime: ojeriza misturada a curiosidade. Todos fingiam reprovar, mas ninguém deixava de olhar.

Nem por isso Gigi abandonara de todo as atitudes infantis. Vez ou outra se entregava a extravagâncias. Certa tarde, apareceu na rua com um molho de balões de gás. Tinha acabado de voltar da festa da padroeira da cidade, que misturava procissão e parque de diversões.

Não se contentou com um balão, como qualquer garoto. Comprou todos os que o vendedor tinha — uma dúzia, talvez mais. Mas o entusiasmo durou pouco. Sem aviso, soltou-os ao ar. Os balões subiram até desaparecer na imensidão. Ninguém sabia o que se passava na cabeça de Gigi; talvez nem ele. Como viera, sumiu novamente, sem que se percebesse.

A sexualidade agitava a garotada, mas ninguém ousava encará-la de frente. Todos sentiam o fluxo do desejo pulsar no corpo, como Gigi deixara claro, mas o erotismo era ainda um terreno pantanoso, que não se deixava facilmente explorar. Cada um tateava à sua maneira, fazia seu próprio caminho aprendendo a lidar com dúvidas e imperfeições. O sexo era tabu — e tudo o que se aprendia vinha do silêncio.

Apesar das inibições, eu via o corpo com mais naturalidade do que meus pais supunham. Lembro-me, ainda chocado, de uma cena que poderia ter sido plena de lirismo transformar-se em algo torpe. Minha mãe trazia no colo um de meus irmãos, ainda bebê, e preparava-se para amamentá-lo. Meu pai, em gesto de censura, trancou-a no quarto para que não exibisse os seios “indecentes”.

O sexo era pecado, perigo, ameaça. Meu pai não era exceção; representava a visão distorcida de sua geração. Que educação poderia nascer disso? Como guiar garotos cheios de dúvidas rumo a uma sexualidade serena?

Meu recolhimento dizia muito sobre minhas questões. Antes de dar qualquer passo nessa vereda, precisava entender o que se passava comigo. Havia um estranhamento persistente, algo que não sabia nomear. Oscilava entre euforia e abatimento. Tentava me guiar pelo senso comum, mas ele não se ajustava a mim.

Sentia-me deslocado, como se habitasse uma realidade paralela. Entre a masculinidade dominante e a figura feminina, restavam os seres caricaturais: homens que pareciam mulheres, mulheres que pareciam homens. Essa ambiguidade me confundia e me assustava. Via nessas figuras uma vida de exclusão, marcada pela ridicularização e pelo abandono.

Não. Eu não queria ser assim. Mas algo em mim escapava ao convencional. Desde cedo me sentia inseguro, fruto da incompreensão. Intuindo meu jeito doce, meus pais ocultavam de mim aquilo que mais temiam. O silêncio e a reprovação velada me lançavam num breu persistente, que me acompanharia por anos, até que eu resolvesse enfrentá-lo.

Buscava namoricos com meninas. O amor romântico funcionava como resistência à confusão. Havia sinceridade nisso — desejo de superação, de tentativa. Mas a puberdade trazia à tona a pulsão que eu tentava conter. Os garotos de outros bairros, encontrados nos assustados, mexiam comigo sem querer. Um deles, mais bonito, despertava em mim uma emoção estranha: ao vê-lo, o coração disparava, o suor brotava, o corpo reagia.

Isso me apavorava. Temia seguir o caminho das figuras com as quais não me identificava. Mas sabia que o sentimento era verdadeiro. Era perturbador. Era uma luta que eu intuía perdida. Talvez houvesse outra forma de me relacionar com os rapazes — algo além do sexo: companheirismo, comunhão, partilha de mundo.

Uma revolução se instalava em mim. Pensamentos desconcertantes, desejos subversivos. A história do garoto da escola voltava à memória. Na minha rua, algo semelhante ocorrera: um menino que se mudara, envolvido em rumores de encontros com outros garotos. Eu me perguntava, em silêncio, se teria desejado o mesmo. Não podia contar a ninguém. O risco da censura me calava. A insegurança fazia de mim alguém fechado, enigmático. Até que algo inesperado começou a se formar, aos poucos, com delicadeza.

A lua cheia surgia por trás da casa de dona Célia como uma bola alaranjada, vista entre as frestas das árvores. A luz tremulava entre os galhos, como um bando de vagalumes em desordem.

Eu ficava longos minutos contemplando aquele espetáculo, do terraço de casa. Sentia uma ebulição interna. Nunca falei disso a ninguém — não há palavras para certas experiências. Não há contornos para o que é transcendente.

Aquilo me chamava. Eu largava tudo e corria para a esquina. A lua, ao longe, revelava a silhueta do bairro da Torre, de onde vinham batuques primitivos. Tudo me enchia de uma ternura inexplicável.

Sentava-me num banco. Certa noite, percebi a presença de Elson, garoto da rua, também atraído pela lua. Morava na esquina oposta, tinha minha idade. Era calmo, sensível, pouco dado às brincadeiras ruidosas.

Afastei-me um pouco, abri espaço no banco. Conversamos sobre a lua, sobre o que sentíamos. Sua delicadeza dissolveu minha resistência. Falei de sonhos, fantasias, do futuro — mais devaneios que projetos.

Com o tempo, mesmo sem lua, passei a ir à esquina à noite. Elson fazia o mesmo. Construímos uma amizade silenciosa, uma comunhão que se aproximava do que eu imaginava ser um namoro. Nada era dito. Nada precisava ser.

Durou até minha mudança de casa. Saímos da rua da infância. Nossa casa, que pertencia ao avô, foi vendida. Construímos outra n'outro bairro não muito distante. Minha vida então mudou radicalmente. Terminei o Ginásio e tomei uma decisão importante: recusei a bolsa para o Curso Científico na escola antiga e escolhi estudar no Liceu Paraibano, numa atitude em que tomava as rédeas de minha vida. Buscava liberdade, diversidade. Outros amigos viriam, com eles novas perspectivas.

A convivência com Elson continuou viva em mim. Sua ausência doía. Muito tempo depois, ele ainda surgia nos sonhos. Caminhávamos juntos. Em silêncio profundo, nada era dito,

mas sentido. Ao segurar sua mão, um jorro me atravessava. Eu acordava. Era uma poluição noturna. Não dormia mais. Entregava-me ao prazer.

Campo fértil

Ao me mudar da rua Lourenço Fernandes, ficou para trás todo um modo de vida telúrico e sufocante que embalara meus anos de infância e adolescência. Já não havia as brincadeiras de rua, as pipas no terreno baldio, as árvores que escalava, os assustados, nem o subterfúgio das missas que mal acompanhava. O que mais me faltava era a companhia afetuosas de Elson, que me ajudara a semear uma autoestima que me custava alcançar.

O colégio em que fizera o Ginásial também ficou na lembrança com seu rigor formal e pedagógico, que me servira de base para ensaiar novas conquistas. Um modo de vida se encerrava pelas circunstâncias; outro se erguia, pleno de potencialidades. A escolha da escola pública foi decisiva. Passei a conviver com pessoas de vários bairros da cidade, inclusive os mais distantes, dos quais sequer conhecia a existência.

Havia ali um certo nivelamento social: nada de pobreza extrema, nada de classe média abastada. Cada um, no entanto, trazia uma experiência singular. Morar no Centro ou na Torre não era o mesmo que sair da distante Cidade dos Funcionários, pegar ônibus e atravessar a cidade para estudar na melhor escola pública disponível. Foi assim que conheci Paulo.

Paulo era filho de agente fiscal — a mesma atividade de meu pai — e conhecia bem os limites de uma vida digna conquistada a duras penas. Estar no Liceu Paraibano era um alívio para

sua família, sem abrir mão da qualidade do ensino. Ali formei amizades e me integrei a um grupo que parecia enxergar o mundo com menos estreiteza.

O Curso Científico abria novas perspectivas. Já se pensava no futuro, na Universidade, na escolha de uma profissão. O estudo deixava de ser simples acúmulo de saber para tornar-se passagem. Pensei em fazer o Curso de Arquitetura, recém-criado na UFPB; o desenho me atraía. Paulo seguiria Educação Artística, com interesse em Artes Cênicas; Aluísio e Piedade cogitavam também Arquitetura; Elmano, Comunicação; Adeildo ainda tateava.

As amizades se multiplicaram. Ao fim das aulas, íamos para a Lagoa, próxima dali. Sentados no gramado, falávamos de sonhos e projetos coletivos. Um deles, recorrente, era ter uma kombi e sair pelo mundo, atravessar os países andinos, guiados por leituras e pela imaginação.

Essas viagens idealizadas nos arrancavam da vida comum. Um espírito comunitário nos unia como família. Passei a ficar menos em casa: saía ao meio-dia e voltava, às vezes, à meia-noite. Dormia oito horas; o resto do tempo dividia entre estudos e o convívio com os irmãos, em casa.

Essa pertença moldava uma identidade. Eu desenhava mais, vivia inspirado. Os temores que antes me assediavam pareciam adormecidos, embora soubesse que algo disforme permanecia latente em mim, apenas suspenso pela excitação daquela nova vida.

Passamos a frequentar exposições, lançamentos de livros, concertos, peças de teatro. A Galeria Gamela, a Livraria do Luís, tornaram-se paradas certas. Mesmo sem consumir, estávamos sempre presentes, entre conversas, vinho branco e canapés.

Foi nesse circuito que conheci Hernandes. Tinha entre vinte e cinco e trinta anos e surgia sempre com perguntas simples, comentários atentos, interesse genuíno pelas obras e pelas pessoas. Funcionário público, arquivista, culto, apaixonado por cinema, via nesses eventos um espaço de encontro e partilha.

Quando eu podia, ia ao Centro. Gostava da pulsação da cidade. Às vezes acompanhava minha mãe na compra de tecidos e aviamentos. Costureira por necessidade, ela dominava o ofício com precisão, era atenta aos detalhes, aos acabamentos, mas nem sempre recompensada por sua dedicação. Eu a ajudava traçar os moldes e a fazer os cortes.

Essas saídas com minha mãe me enchiam de vida, observava as novidades e tudo me era motivação. Numa dessas lojas — “As Nações Unidas” — deparávamos com figurinistas delicados, habilidosos, deslocados do modelo masculino dominante. Eles criavam modelos exclusivos para cada cliente com uma presteza esfuziante.

Nessas ocasiões minha mãe se incomodava, não menos que eu. Ver essas pessoas - também com admiração pela habilidade com o traço - dava-me um sobressalto, que procurava inutilmente disfarçar.

Ir ao Centro era também uma aventura solitária. Fuçava as bancas de revistas, que só lá encontrava. Cheguei a frequentar as distribuidoras, para saber em primeira mão o que iria circular. Inspirava-me para criar minhas próprias histórias para as vidas fictícias que me enchiam a imaginação.

Certa manhã, flanando sem rumo, encontrei Hernandes. Tocou-me as costas. Caminhou comigo por uns quarteirões. Perguntou o que eu fazia perdido naquele final de expediente. Insinuante, perguntou o que eu gostaria de fazer. Falou sobre

os prédios históricos, sobre arte e arquitetura. Sua erudição me encantou, passei a vê-lo com admiração.

Convidou-me a conhecer o Solar do Conselheiro, um casarão que abrigava parte do acervo onde trabalhava. O prédio era um magnífico sobrado que ficava em uma das principais ruas do centro histórico. Acenei com interesse e caminhamos na direção desejada. No percurso, Hernandes, um pouco mais alto que eu, colocou sua mão em meu ombro, passando o braço por minhas costas, como quem conduz um amigo - em outras situações, um namorado.

Cruzamos com um primo, que estudava nas imediações. Era final da manhã e havia muitos estudantes saindo das escolas. Fiquei constrangido com a intimidade de Hernandes, mas descartei qualquer reação. Gostava de sua companhia e estava ansioso pelo que ele iria me mostrar.

Entramos. Era realmente monumental! Estilo barroco, dois andares, sacadas, portas pesadas de madeira antiga. O casarão estava fechado, mas Hernandes tinha a chave. Ficou claro que aquele era seu domínio. O espaço era úmido, repleto de arquivos, mesas, papéis. Falávamos de jornais, quadrinhos, de futuro. Sem cerimônia, ele pousou novamente a mão em meu ombro, depois deslizou-a até meus quadris. Afastei-a sem aspereza, mas coloquei a minha em sua cintura. Foi a senha para um abraço afetuoso.

O clima tornou-se tenso, seu calor e afago eriçou-me os pelos, enrijeceu meu corpo. Hernandes sentiu cumplicidade e seguiu adiante. Tomou minha mão, conduziu-me delicadamente pela sala, encostou-se em um birô do canto, dobrou-se sobre ele e baixou as calças.

Excitado, baixei as calças até o meio das pernas, encostei-me nele, e apoiei as mãos no birô. O corpo respondeu antes

do pensamento. As pernas tremiam incontrolavelmente. Tudo escureceu. Um turbilhão tomou minha mente, uma compulsão arrebatou meu corpo.

Como uma enxada que rompe a terra molhada, penetrei Hernandes, abrindo sulcos onde algo há muito aguardava nascer. Durou pouco. O suficiente para que eu me esvaísse inteiro.

Vestimo-nos. Hernandes me deu mais um abraço e saímos. O mundo seguia igual, mas eu não. Fora surpreendido pelo que acabara de ocorrer. Certamente não teria sido o único a passar pelos salões imponentes do casarão, mas para mim fora uma experiência transformadora.

Saí do casarão para casa, de casa para a escola. Nesse dia, não consegui me concentrar nas aulas. Cada lembrança me deixava ouriçado, pensativo, ausente. Queria gritar ao mundo a epifania que acabara de viver. Passei o resto do dia em transe. Não houve culpa, nem espanto. Apenas a certeza de ter tocado uma fonte profunda e irreversível de prazer.

Agradecimento

Agradeço a Álvaro, leitor atento e interlocutor
rigoroso, pela escuta crítica e pelo acompanhamento
sensível ao longo da escrita.



Henrique Magalhães nasceu na Parahyba em 1957. Desde cedo sentia-se diferente, mas não excepcional. A vontade de transformar as coisas, de mudar os destinos aparentemente imutáveis, serviu-lhe para traçar seu rumo, diferente de uma vida ordinária. A homossexualidade assumida na juventude deu-lhe o combustível para uma vida de rebelião, que se materializou nas artes - no desenho, na escrita, na performance, na provocação. Maria - a personagem das tiras cômicas que criou - tornou-se seu alterego, suas alteridades, sua maneira de reinventar o mundo. Outras de suas memórias estão em “Cercas que separam quintais”, livro de contos lançado em homenagem a sua mãe. A obra encontra-se disponível no sítio da editora Marca de Fantasia.



A travessia do desejo não é um livro sobre lembranças. É um livro sobre o que permanece.

Entre cenas da infância, da juventude e da descoberta afetiva, o narrador percorre um caminho silencioso, onde o desejo se forma antes de ser nomeado e a identidade se revela menos como escolha do que como inevitabilidade.

A escrita é precisa, econômica, mas profundamente sensível. Cada texto age como um fragmento de espelho: não devolve respostas prontas, mas reflete inquietações que o leitor reconhece como suas.

Um livro para quem entende que crescer não é acumular certezas — é aprender a sustentar aquilo que nos atravessa.

